

Representações interdiscursivas do erotismo em blogs íntimos¹

Mariana Della Dea Tavernari²

Escola de Comunicações e Artes (Universidade de São Paulo)

Resumo

Como nós enunciativos que compõem a rede labiríntica do ciberespaço, os blogs íntimos (também denominados blogs auto-reflexivos) trazem um sujeito processual, que está e se expressa na rede, dadas suas possibilidades interativas que estimulam a interação social e a construção de efeitos de sentido de si, bem como de simulacros narrativos da realidade, em torno das representações do erotismo. Tais representações efetuam-se e serão analisadas a partir de uma perspectiva lingüístico-discursiva, favorecendo a compreensão dos mecanismos de subjetivação e construção identitária no espaço heterogêneo de tensões da rede.

Palavras-chave

Blogs; Internet; Comunicação; Discurso; Linguagem

Blogs na rede

Apesar de estarem presentes massivamente na rede, os blogs pessoais auto-reflexivos (que, a partir dessa classificação e em virtude da caracterização do objeto de pesquisa em estudo, serão denominados blogs íntimos) fazem parte de uma parcela estatística de blogs que os especialistas denominam como a “cauda longa da Internet”. São milhões de blogs com taxas de visitas relativamente baixas, mas responsáveis, no total, por grande parte do tráfego de informações em blogs na rede. O volume estatístico de blogs com tais características acaba por gerar conflitos em torno da definição do termo e do formato blog:

É importante salientar que o gênero pessoal auto-reflexivo é certamente o mais referenciado, tanto na academia quanto na imprensa. Possivelmente, permanece sendo o mais comum na blogosfera em números absolutos. Contudo, como se vê, ele não é sinônimo de blog. Ou seja, trata-se apenas de um gênero entre tantos outros (como se busca aqui demonstrar), e não a própria definição do que seja blog (PRIMO, 2008).

¹ Artigo científico apresentado ao eixo temático “Redes sociais, identidade e sociabilidade”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

² Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP, sob a orientação da Prof^a Dr^a Rosana de Lima Soares. Membro do Mídiaato - Grupo de Estudos de Linguagem: Práticas Midiáticas (ECA-USP). Foi bolsista da FAPESP durante o mestrado. (mddt@usp.br)

De acordo com o autor, o blog individual auto-reflexivo está voltado para a manifestação de opiniões e reflexões pessoais sobre si, sobre os outros e sobre sua vida cotidiana. Diferentemente dos blogs profissionais, o trabalho do autor está presente nos blogs íntimos, mais como um dos eixos de sua escrita do que como tema principal. Também os blogs íntimos apresentam uma perspectiva crítica, pessoal e opinativa a respeito de sua escrita, ao contrário do que ocorre no blog pessoal informativo interno, “blog individual cujos posts dedicam-se principalmente para o simples relato das atividades do blogueiro (projetos pessoais, passeios, eventos sociais, etc.)” (Primo, 2008).

Tanto como plataforma de publicação ou como diário virtual íntimo, os blogs estão inseridos no contexto das particularidades das mídias digitais, caracterizadas pela virtualização, pelo hipertexto digital e pela interatividade. A linguagem binária permite que sons, imagens e textos sejam transmitidos por um mesmo cabo, dando lugar a “redes que integram diversas formas de comunicação em uma mesma tecnologia digital básica” (Dantas, 1996: 141), tornando cada indivíduo inserido na produção capitalista “um elo informacional que recebe, processa e transmite algum subconjunto de informação necessário às atividades dos outros indivíduos, ou do conjunto do subsistema social no qual interage” (DANTAS, 1996: 142).

O computador, para Sherry Turkle (1997), exerce na sociedade contemporânea um papel não apenas de ferramenta de comunicação, mas também de transformação dos modos de cognição e interações perceptivas. O sistema de redes em expansão da Internet altera as configurações sociais e culturais da sociedade. As janelas do computador oferecem vários níveis de material com acesso simultâneo e permitem que os usuários naveguem em várias direções e trabalhem em vários documentos, arquivos ou softwares, além de poderem interagir com as informações, reagindo a elas.

Em seu aspecto técnico, a rede informática expressa as características principais do conceito de rizoma, entre eles o princípio de conexão, da heterogeneidade e da multiplicidade. No entanto, esses princípios aplicam-se não apenas ao aspecto tecnológico da rede, mas também aos organismos sociais e à sua constituição subjetiva. Assim, sendo não apenas um conceito, mas também um paradigma da contemporaneidade a partir do qual são orientados estudos a respeito da cibercultura, a rede compõe um modelo cognitivo nos quais a experiência da subjetividade acende possibilidades e mediações para compreender como se articulam os processos de constituição identitária do sujeito no mundo:

A compreensão da época em que vivemos apóia-se, cada dia mais, sobre o conceito de rede. A rede atravessa hoje todos os campos do saber – da biologia às ciências sociais, passando pelas ciências exatas – seja como conceito específico, em cada um destes campos, seja como paradigma e imagem do mundo, ou ainda como rede sociotécnicas necessárias a produção do conhecimento (PARENTE, 200: 171).

Assim, tendo a rede em seus nós como a matriz enunciativa que efetua um desdobramento do sujeito empírico em um sujeito do discurso, o indivíduo que compõe a sociedade em rede o faz a partir das mediações interativas, enquanto meios de ação e atuação. Esse nó enunciativo corresponde a um sujeito processual, que está e se expressa na rede, dadas suas possibilidades interativas que estimulam a interação social e a construção de efeitos de sentido de si, bem como de simulacros narrativos da realidade.

Partindo dos Estudos de Linguagem

O esboço analítico apresentado neste artigo recupera os pressupostos teóricos dos Estudos de Linguagem, tanto como ponto de partida para a análise do *corpus* proposto, tendo em vista os mecanismos de discursivização do enunciador e percorrendo as instâncias sintáticas, semânticas e pragmáticas, quanto como perspectiva na qual a Linguagem funda o humano, operador da função simbólica e interpelado pelo inconsciente.

A abordagem sintática deve ser empreendida especialmente pela Lingüística da Enunciação, que postula que a instauração do sujeito se dá por meio do ato enunciativo: quando esse sujeito se coloca como eu, ele constrói o mundo enquanto objeto ao mesmo tempo em que constrói a si mesmo. Em função do *eu* que se coloca em relação a um outro, instauram-se também as dimensões espaciais e temporais no enunciado. A linguagem é, assim, a fenda criadora do sujeito, do lugar e do tempo da enunciação.

O discurso, embora obedeça às coerções da estrutura, é da ordem do acontecimento e da História, sendo, portanto, lugar de instabilidade das estruturas, onde se criam efeitos de sentido. Como não há acontecimento fora dos quadros de tempo, do espaço e da pessoa, torna-se importante compreender o processo de discursivização pelos mecanismos de actorialização, temporalização e espacialização.

Os esquemas narrativos são assumidos pelo sujeito da enunciação, que os converte em discurso. Ao realizar-se, a enunciação deixa marcas no seu produto, o enunciado. O discurso construído pela enunciação contém, assim, marcas dessa instância de comunicação, que

podem ser caracterizadas pela presença ou ausência do ato de enunciar reproduzido discursivamente.

O artigo em questão também emprega os métodos oferecidos pela análise do discurso com a finalidade de operacionalizar os conceitos elucidados. A opção por este método de observação dos dados empíricos justifica-se em função das possibilidades que ele possibilita, como analisar o texto escrito em função das diversas instâncias do discurso, permitindo-o percorrer de suas estruturas sintáticas às pragmáticas em busca da relação entre este discurso, a ideologia e a história, além de facilitar a busca pelos processos de subjetivação do sujeito. Esse método permite observar, por meio da análise textual do discurso materializado nos blogs, a dinâmica do funcionamento da subjetividade dos sujeitos no ciberespaço, bem como estudar a importância das instituições e da ideologia para essa subjetividade.

Isolar os enunciados discursivizados nos blogs íntimos como objeto de pesquisa explicita a problemática do *corpus* de referência. Se todo pesquisador deve estar ciente do direito de traçar os limites de um terreno de investigação conforme a própria conveniência, dentre todo o universo potencial de estudos discursivos no ciberespaço, o recorte do campo dos discursos referentes aos blogs íntimos deve suscitar o dever de justificar a posição estratégica dos *corpora* de referência. Propõe-se falar de uma sistemática da produção discursiva no ciberespaço estudando apenas alguns pontos dessa produção, bem como buscando compreender a dinâmica entre o particular e o universal.

Parte-se assim, do pressuposto de que no ciberespaço concorrem formações discursivas de variadas circunscrições, em dinâmica de tensão constante. Estamos falando de um vasto conjunto de enunciados produzidos por autores de diferentes lugares geográficos, mas de uma mesma época, marcada pela frágil densidade semântica das organizações ideológicas mais maciças que circulam em uma sociedade (MAINGUENEAU, 2008:19). Falemos, então, das diversas concepções e significados, ou seja, de zonas de regularidade semântica para além da heterogeneidade dos tipos de textos, de autores, de sua dispersão no tempo e no espaço a respeito do sujeito e seu modo de emergência no discurso.. O fato do corpus de referência pertencer a apenas um gênero dentre tantos possíveis no ciberespaço não limita a importância nem depaupera tal análise.

Os enunciados dos blogs íntimos constroem redes de sentidos no ciberespaço, nichos em relação global com o mundo e com as outras redes por meio da integração de temas em torno das concepções de sujeito, identidade e memória. No ciberespaço, são vários os sentidos

em torno de tais parâmetros, bem como os modos de colocação destes na superfície discursiva. E certamente os blogs íntimos são um ponto da rede onde convergem e concorrem tais sentidos e formações discursivas, justamente em função das características do ciberespaço como labirinto pelo qual os indivíduos navegam.

A identidade se constrói navegando no labirinto, povoando essa rede emaranhada de narrativas hipertextuais individuais e singulares. As idas e vindas por várias dimensões, sejam elas hipertextuais, lingüísticas ou espaciais, arquetam a identidade do sujeito, ou melhor, são processos de identificações que permitem ao sujeito se fazer conhecer, dando um sentido à sua existência, construindo uma linearidade, uma coerência, mesmo que fantasiosas. São fantasias narcísicas, que buscam resgatar a singularidade do eu, bem como sua essência, frente à alteridade do outro. Os deslocamentos do sujeito em direção à diferença não constituem, no entanto, uma ruptura porque “encontrar a diferença não é encontrar a ruptura: nem comigo, nem com aquilo que me remete a mim mesmo. É advertir-me de que só sou eu no encontro com o outro diferente de mim” (CORACINI, 2003: 27).

Esse movimento de abertura para o outro se relaciona diretamente à problemática da enunciação, que acentua a importância do sujeito descentrado. A relação com o outro como fundamento da discursividade e o caráter polifônico da fala estão fundamentados principalmente na obra de Bakhtin, que defende o princípio dialógico de todo discurso. O discurso autobiográfico é essencialmente dialógico, pois é fundamentado na impossibilidade de dissociar a interação dos discursos da constituição interdiscursiva. É também polifônico, marcado por vozes dissonantes cujo autor busca silenciar em nome de um efeito de sentido monofônico. A problemática do interdiscurso, central no desenvolvimento histórico e teórico da Análise do Discurso está inserida nesse contexto.

Assim, a Teoria da Enunciação (e conceitos subsequentes, como a relação enunciado/enunciação, debreagem, embreagem, actorialização, temporalização e espacialização e efeitos de sentido de objetividade e subjetividade) e a Análise do Discurso (da qual emergiam conceitos como formações ideológicas e formações discursivas, condições de produção do discurso, interdiscursividade, cena enunciativa e *ethos*) devem proporcionar um tratamento de enfoque discursivo a temas como identidade e subjetividade.

A Teoria da Enunciação e a Análise do Discurso também provêm o estudo com ferramentas que favorecem a compreensão das relações de gênero entre os blogs íntimos e outros gêneros autobiográficos, considerando suas especificidades, como a constante presença

do outro, explícita ou implícita, e a presença de cenas enunciativas diversas.

Também em consequência das características dos meios digitais, bem como do gênero dos blogs íntimos, outro componente discursivo de elevada importância deve ser considerado: há uma distância, tanto temporal quanto espacial entre a escrita e a atualização na leitura, o que impossibilita qualquer outra perspectiva que não explore a relação entre enunciado e enunciação. A construção do labirinto, pelo seu arquiteto, desde seu projeto inicial, leva em consideração os caminhos da leitura pelo viajante do ciberespaço, tendo em vista o *ethos* e os efeitos de sentido que deseja que sejam traduzidos nessa atualização.

Seguindo um percurso metodológico que busca observar as diversas instâncias dos enunciados proferidos, passando pelos mecanismos actoriais, pela tematização e a figurativização e pelos cruzamentos interdiscursivos, são investigados os processos de identificação e as formas de subjetividade que se configuram nos blogs íntimos. Embora o caminho proposto parta do texto materializado em direção às circunstâncias sociais do tema identidade, é importante ter como perspectiva teórica tanto a evolução dos conceitos envolvidos ao longo da história do século XX quanto o panorama do contexto histórico, ideológico e social em que os blogs íntimos emergem como fenômeno das mídias digitais.

Articulações interdiscursivas

O estudo das embreagens e debreagens actanciais demonstra os mecanismos de colocação do sujeito no discurso, dos quais destaca-se a alternância de efeitos de sentido de subjetividade e objetividade materializados nos blogs íntimos, mas enfatizando uma subjetividade formada a partir do outro, e não do eu, apenas. Os procedimentos de discurso direto e indireto, o emprego das aspas, do diálogo e da estilização por meio de músicas, ironia, frases feitas e jargões atestam uma característica primordial desse objeto: a heterogeneidade de seus enunciados, seja em relação à noção de polifonia de Bakhtin ou de uma heterogeneidade constitutiva do próprio discurso, produzida pela dispersão do sujeito e que se expressa no texto por diversas formações discursivas, remetendo a diferentes posições enunciativas do sujeito.

Como a função-autor exerce forte influência nos blogs (geralmente relacionada ao pseudônimo ou nome empregado pelo enunciador), essa heterogeneidade é trabalhada sempre na oscilação entre um efeito de sentido de unidade de vozes, fazendo com que o texto adquira

uma coerência autoral e um efeito de sentido polifônico, expresso por meio das diversas vozes. O sentido não se dá apenas no enunciado, mas também pela relação entre esse enunciado e as vozes discordantes ocultas pelo enunciador. Por isso, é importante buscar a “voz do Outro” nos enunciados, uma “heterogeneidade que liga de maneira constitutiva o Mesmo do discurso com seu Outro, ou, em outros termos, que permite a inscrição no discurso daquilo que se costuma chamar seu ‘exterior’” (BRANDÃO, 1991: 71).

Certamente um dos pontos mais interessantes explorados nesta dissertação envolve uma problemática do interdiscurso, exposta por Maingueneau. Segundo o autor, o discurso pode ser definido como dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas. Só uma parte do dizível é acessível, e esse dizível constitui um sistema e delimita uma identidade. A identidade de um discurso não é somente uma questão de vocabulário ou de sentenças, mas sim depende de uma coerência global que integra múltiplas dimensões textuais. Trataremos de discurso aqui como a relação que une os conceitos de formação discursiva e superfície discursiva, correspondente ao que Foucault denomina discurso.

A articulação entre um funcionamento discursivo e sua inscrição histórica proposta por Maingueneau atinge as propostas deste trabalho em seu cerne teórico, pois só seria possível pensar em blogs íntimos considerando tanto os arranjos textuais e discursivos quanto a relação desses discursos com um contexto extradiscursivo enunciado.

De acordo com a primeira hipótese de Maingueneau, o interdiscurso tem precedência sobre o discurso, o que significa que o estudo da especificidade de um discurso supõe que seja posto em relação com os outros. O interdiscurso também é espaço de regularidade pertinente, do qual diversos discursos são apenas componentes, formam-se de maneira regulada no interior de um interdiscurso.

Este trabalho compreende as práticas discursivas enunciadas em um ambiente hipertextual. Está, desde o início e conforme a orientação de Maingueneau, destinado a pensar uma mistura inextricável do mesmo e do outro, uma rede de relações constantemente aberta. O hipertexto, por si só, condiciona mecanismos textuais de construção de sentido diferenciados daqueles da escrita linear devido à sua arquitetura multidirecional, formada por redes interligadas por pontos e nós.

Como o hipertexto comporta textos de gêneros diferenciados, traçar os limites de um terreno de investigação, ou seja, selecionar uma tipologia específica a ser estudada constitui

uma escolha metodológica que visa facilitar as descobertas das especificidades discursivas, neste caso, dos blogs íntimos. No entanto, deve-se atentar para um perigo de isolar este objeto sem reconhecer as relações semânticas globais, pois: “comparado ao universo dos possíveis, o campo dos discursos recortados e estudados por uma área social dada é apenas uma ilha de resíduos de uma exigüidade extrema” (MAINGUENEAU, 2008: 26).

Com o intuito de mergulhar nas particularidades dos blogs íntimos, como *corpus* de referência, tem-se a pretensão proposta por Maingueneau de falar de todos os discursos falando apenas de alguns, mas também falar apenas de alguns pensando falar de todos. Como já foi mencionado, a noção de formação discursiva deve ser empregada como inseparável da do interdiscurso. Assim, uma formação discursiva não deve ser entendida como um bloco compacto e coeso que se opõe a outras formações discursivas. Pois, "uma FD é heterogênea a ela própria" (BRANDÃO, 1991: 75) e o seu fechamento é bastante instável, não há um limite rigoroso que separa o seu "interior" do seu "exterior", uma vez que ela confina com várias outras formações discursivas e as fronteiras entre elas se deslocam conforme os embates da luta ideológica. É assim que se pode afirmar que uma formação discursiva é atravessada por várias formações discursivas e, conseqüentemente, que toda formação discursiva é definida a partir de seu interdiscurso.

Se o *primado do interdiscurso* nos leva a criar (MAINGUENEAU, 2008:35) “um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro”, é importante reconhecer o Outro com o qual o discurso íntimo se relaciona para atingir a especificidade desse discurso. A tarefa exige o emprego da nomenclatura criada por Maingueneau para definir o interdiscurso que, segundo o autor, é formado pela tríade universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. Universo discursivo é o conjunto de formações discursivas que interagem numa conjuntura dada. É o horizonte a partir do qual serão construídos os campos discursivos, constituídos por um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitando-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo. Espaços discursivos são subconjuntos de formações discursivas que o analista julga relevante para seu propósito colocar em relação.³

Os blogs íntimos, como gênero discursivo, fazem parte do universo discursivo do ciberespaço, no qual concorrem formações discursivas por vezes conflitantes. Os sistemas de

³ Conceito de interdiscurso definido a partir de resenha da página 33 de *Gênese dos Discursos*, de autoria de Dominique Maingueneau

coerções semânticas do ciberespaço permitem afirmar, de antemão, que algumas continuidades e regularidades serão descobertas no plano do conteúdo dos blogs íntimos.

Estamos diante de uma vasto conjunto textual, produzido por inúmeros indivíduos, porém todos inseridos em um contexto espaço-temporal semelhante, ou seja, são pessoas inseridas socialmente nas cidades modernas, marcadas por um tempo em que os meios de comunicação transformam os processos de subjetivação e identificação, regem a velocidade da transmissão da informação, alteram os estados emotivos e as memórias do indivíduo, subvertem a relação tradicional moderna entre o público e o privado, além de sugerirem uma nova relação entre o sujeito e o espaço em que convive.

Para acessar a diversidade de campos ideológicos da época contemporânea, pretende-se navegar entre a singularidade desses conteúdos, pois criados por sujeitos autônomos, e a integridade semântica desses conteúdos, mergulhados na rede ideológica do ciberespaço. Nas heterogeneidades singulares, buscam-se as regularidades de uma época, por meio de análises textuais, investigando as descontinuidades sintáticas, bem como as intermitências discursivas.

É no interior desse campo discursivo que se constituem os discursos a respeito da função da morte na vida do sujeito contemporâneo, permitindo-o reconhecer-se como ser biológico, capaz de alcançar o progresso e a evolução por meio da razão, mas também alheio às vontades de uma ordem sagrada, que toma ares de transcendentalidade nos tempos contemporâneos. Os discursos sobre o amor feminino também revelam o estatuto da mulher na sociedade contemporânea, ora como um ser independente e racional, ora sujeito às variações hormonais impostas pela comunidade científica. O amor ora adquire tons de liberdade, ora de dependência, da qual busca-se desassociar imediatamente. Nesse sentido, o sexo é visto tanto como um momento de libertação e independência, como de fraqueza e abertura. Os temas sexo, amor e morte propõem relações e confrontos interdiscursivos dos quais se pode depreender a função da figura do indivíduo-sujeito na sociedade contemporânea, detido entre uma unidade monológica individual e uma constante necessidade do outro, como fundamento de sua descentralidade, ambos atados a uma terceira ordem, a da culpa católica.

Assim, os discursos sobre a morte, o amor e o sexo na contemporaneidade se formam no interior de um “sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro” (MAINGUENEAU, 2008: 36). Admite-se, assim, sempre um espaço de trocas e

traduções, e jamais de identidade fechada. O outro, do qual faz parte o discurso religioso, representa a zona do interdito, comprovando o caráter essencialmente dialógico de todo discurso.

Assim como Fiorin, Maingueneau ressalta a importância da inserção do sujeito em determinada posição enunciativa de acordo com uma competência interdiscursiva. O enunciador de um diário virtual íntimo, entre uma comunidade de outros enunciadore internos e externos ao ciberespaço, insere seu discurso em formações discursivas variadas, de acordo com a competência discursiva. No entanto, não se pode presumir uma coesão social prévia, como afirma Maingueneau, pois tal comunidade não é exterior ao discurso e a heterogeneidade exerce um papel importante no exercício das competências discursivas. Diante dessa perspectiva, o que, especificamente, justifica a escolha dos enunciadores? Não por serem especificamente representativos, mas porque estão inseridos na malha de enunciadores competentes discursivamente.

Assim, não se trata aqui de desenvolver um panorama analítico da evolução histórica e discursiva do sexo, do amor e da morte na sociedade contemporânea, mas sim explorar sistematicamente as possibilidades de um núcleo semântico que integre os três temas em conjunto, com a finalidade de agenciar algumas explicações a respeito dos processos de subjetivação e identificação do indivíduo contemporâneo rejeitando a noção de formação discursiva homogênea.

As representações do erotismo na rede

A defesa ética do comportamento do enunciador segundo uma lógica humana que prioriza o bem-estar do indivíduo autônomo e refuta o encontro com o outro também pode ser verificada no post a seguir, de *Recordar, Repetir e Elaborar*, que trata de sexo e erotismo:

Não faz muito tempo, aprendi a suposta pronúncia correta desta palavra tão expressiva. Suposta porque ainda não me conformei com ela, e este texto vem justamente advogar uma pronúncia alternativa. Acompanhem meu argumento:

Boquéte, que me dizem ser o correto, rima com o quê?

*Era uma vez
Uma menina coquete
No carnaval, jogava confete
Sua mãe a reprovava
Por ser uma piriguete
Ninguém ignorava*

Que ela fazia boquete

No haikai acima, temos que praticamente todas as palavras terminadas em *éte* aludem a moçoilas de pouca massa encefálica para quem as práticas sexuais são uma questão de moda e uma maneira de chamar a atenção do próximo (que tanto pode ser o contemplado pelo boquete quanto a mãe, as amigas, nossa sociedade repressora-capitalista etc.) - como a evangélica que beijou uma garota [marcação de link] só para experimentar e outros soníferos eróticos afins.

Vejamos agora como ficaria o haikai caso a pronúncia correta fosse boquête:

*Era uma vez
Uma menina gulosa
No carnaval, brincava gostosa
Para ela o maior banquete
Era se refestelar num cacete
Por isso, esplendorosa,
Sempre fazia boquete*

O post inicia-se a partir de uma debreagem actorial enunciativa, por meio da qual o enunciador deixa clara a instância de enunciação, colocando-se como um *eu* no enunciado. Figurativizado apenas no início do post, o enunciador transpõe seu papel de personagem do diário virtual íntimo para o papel de defensor de um nova pronúncia para a palavra *boquête*. Ao sugerir que o enunciatário siga sua linha argumentativa, o enunciador lança mão de debreagens enuncivas para tematizar sua defesa argumentativa, propondo ao enunciatário que ele adote uma pronúncia para a palavra *boquete* com a segunda sílaba fechada, em detrimento de uma pronúncia com a sílaba *que* aberta.

Claro que cada um é cada um e sempre haverá quem prefira um boquête coquete a um boquête de quem aprecia um cacete. Ainda assim, é difícil contrapor-se ao argumento de que algo feito com prazer e vontade costuma dar mais certo do que algo feito por puro coquetismo. E, ademais, boquête não faz distinção de gênero: se boquête pressupõe uma aprendiz de vedete, o boquête está aberto a homens e mulheres, bastando para isso o gosto pelos banquetes.

Modestamente, portanto, venho por meio deste post propor o abandono da primeira pronúncia em prol da segunda. Afinal, o mundo será um lugar melhor quando as pessoas pararem de se impor certos prazeres exógenos aos seus desejos: acordar cedo nas férias para aproveitar; trabalhar muito para gastar ainda mais; beijar uma garota para experimentar, e assim por diante. Já temos tantas obrigações inapeláveis em nossa vida profissional e pública, por que impô-las também ao âmbito da vida privada? Por que não podemos, ao menos nas férias, acordar apenas quando os olhos se abrirem; ao menos o dinheiro pelo qual tanto trabalhamos, gastá-lo apenas no que nos convém; ao menos o tesão, investi-lo apenas em pessoas e fazeres que realmente desejamos?

Eu não sei por que não podemos. Sei que, como aliás todo mundo, já fiz muitos boquêtes e boquêtes nesta vida, e quiçá em outras. Diferentemente de

todo mundo, porém, tenho me esforçado cada vez mais por me dedicar apenas aos boquêtes - aos prazeres aos quais tenho ganas de me entregar com plena convicção. Convido todos a fazerem o mesmo - a vida fica mais estranha e assustadora quando temperada por boquêtes, e também muito mais divertida.

Para além da concretude do texto, pode ser verificado como o tema central um tabu sexual. Embora o enunciador busque se afastar deste tabu ao comentar sobre o assunto sexo em seu diário virtual, a tentativa de nomear o ato da felação revela também os seus valores e aqueles que deseja transmitir ao enunciatário. Assim, o trecho explicita a necessidade de nomeação do ato sexual, em uma espécie de onomástica das figuras do ato sexual.

Acrescenta-se que, nessa dimensão figurativa, existe um olhar que se afasta do prazer erótico supostamente emparelhado ao órgão sexual para que se instale o tom de voz democrático, no sentido de recuperação da moral familiar. Como recorrência, temos o sujeito que se identifica com o papel temático do indivíduo preocupado em escolher a melhor designação do ato sexual feminino para poder interagir com o outro: o enunciatário.

Assim, o tema referente à sexualidade e ao erotismo está presente em toda a estrutura do texto, e toma a forma de uma tentativa de distanciar-se dos tabus que normalmente revestem esse tipo de assunto. A carga ideológica que o tema carrega de acordo com o contexto sócio-histórico em conjunto com as circunstâncias de enunciação, ou seja, as condições hipertextuais de produção discursiva, evocam um efeito de sentido de busca pela substituição do tabu pela informação clara e objetiva. Essa busca se dá, no entanto, estritamente por meio da opinião do outro, a quem o enunciador dirige seus argumentos.

Destaca-se que esta é uma cena enunciativa depreendida de um diário virtual íntimo apenas. O objetivo de enfatizá-la neste momento é indicar que o círculo íntimo longe de ser configurado como o universo solipsista de um sujeito remete ao sujeito em busca do outro, no caso, um sujeito que visa à relação social com o leitor. Comprova-se o gênero diário virtual como da ordem da descentralidade, até no diário virtual íntimo.

De tema geralmente empregado pelo discurso informativo, como efeito de objetividade, e ao discurso privado, como efeito de subjetividade, a sexualidade é abordada nesse ínterim do público que marca o informativo e o meio hipertextual e do privado que indica um tema sujeito a provocar indiscrições. Comprova-se, portanto, a heterogeneidade do gênero do blog íntimo, construído a partir da identidade e da diferença que o remetem às relações intergenéricas com o diário íntimo tradicional.

A busca por um termo adequado para a nomeação do ato sexual demonstra, de modo claro, um sujeito extremamente preocupado em transmitir ao enunciatário uma concepção moralizante de mundo. Além disso, a materialização desse texto no contexto público da internet demonstra um sujeito que busca passar essa idéia de moralidade ao enunciatário, já que o objetivo da interação é claramente exibicionista. Assim, apesar e justamente por se dar a ver ao outro, o enunciador busca transmitir um *ethos* explicitamente ético.

O deslocamento do tema sexo para o erotismo, que pode ser observado no post, surge na contemporaneidade como um sintoma de uma revolução erótica, caracterizada pelo desligamento dos laços que uniam o erotismo ao sexo em sua função reprodutiva e ao amor:

O sexo, livre das conseqüências reprodutivas e das ligações amorosas obstinadas e prolongadas, pode ser incluído na estrutura de um episódio: não deixará sulcos profundos na face a todo momento rearrumada, que assim fica assegurada contra limitações à sua liberdade de experimentar. (BAUMAN, 2008: 290)

O emprego utilitarista do sexo e do erotismo, bem como seu processamento cultural, tendo o orgasmo como finalidade central deixam clara a função de experimentação do sexo, denominado por Bauman como *boa-forma* e que tomou o lugar da *norma* perante o colapso do modelo panóptico foucaultiano que propunha a manutenção da ordem pela autovigilância. Desligado do amor e do fator reprodutivo, o erotismo pós-moderno destina-se apenas à exploração da sedução instantânea, à abertura a novas sensações e ao recolhimento de experiências corpóreas, ele

Tornou-se um significante livre, capaz de ser casado em termos semióticos com um número quase ilimitado de significados, mas também um significado pronto a ser representado por qualquer um dos significantes disponíveis (BAUMAN, 2008: 288).

Rompido o laço afetivo do erotismo, o sexo perde também sua função de ponte entre a transitoriedade do corpo para a imortalidade. Substituir a pronúncia da palavra *boquete* significa, portanto, uma tentativa de restabelecer essa ponte, religar o erotismo à afetividade para atingir o evanescente. Esta investida, no entanto, nunca se efetiva, pois a *boa-forma* é um “horizonte que-nunca-deve-ser-alcançado, localizada sempre no futuro, uma espora para esforços sem fim, e nenhum dos quais pode ser visto como completamente satisfatório, muito menos definitivo” (BAUMAN, 2001: 283). A abdicação dos prazeres instantâneos tidos socialmente como obrigatórios a todos, homens e mulheres, seria representada pela nova

pronúncia, pois a validade temporal da experiência genuína deveria ser revalorizada: *Afinal, o mundo será um lugar melhor quando as pessoas pararem de se impor certos prazeres exógenos aos seus desejos: acordar cedo nas férias para aproveitar; trabalhar muito para gastar ainda mais; beijar uma garota para experimentar, e assim por diante.*

Apesar dessa tentativa ser um dos principais usos sociais do erotismo, ou seja, de servir de papel às batalhas separatistas da individualização, como confirma Bauman (2008), a cultura pós-moderna elogia os deleites de sexo e valoriza a significância erótica em todo objeto, ou seja, o indivíduo apesar de buscar a transcendência, volta-se sempre à satisfação dos prazeres individuais (*Sei que, como aliás todo mundo, já fiz muitos boquêtes e boquêtes nesta vida, e quiçá em outras*) e ignora que somos ao mesmo tempo sujeitos e objetos de desejo, pois “nenhum encontro erótico é concebível sem que os parceiros assumam ambos os papéis, às vezes fundindo-se em um só” (BAUMAN, 2008: 297).

Para finalizar, é possível afirmar que as diversas formas figurativas e temáticas de revestimento semântico do enunciador e enunciatário correspondem a posições enunciativas para legitimar o estatuto do enunciador como ser que deseja a previsibilidade do mundo, bem como sua estabilidade temporal e espacial frente a acontecimentos dramáticos que revelam a complexidade humana.

Ao empregar mecanismos de actorialização que compõem a cena genérica dos diários por meio de debreagens, enunciador e enunciatário articulam um modo de enunciação específico às práticas discursivas de ambos, filiados a uma lógica autônoma de mundo que prioriza representações interdiscursivas remetidas a uma performatividade do indivíduo frente a imprevisibilidades relacionadas ao acontecimento do sexo. A essa estratégia também podem ser integradas as apropriações de provérbios, emprego de ironia, aspas, slogans e discurso direto e indireto para empreender um estilo (*ethos*) dialógico e polifônico, porém encoberto por efeitos de sentido de subjetividade que levam o enunciatário a formar uma imagem corporificada de um enunciador singular, proprietário autoral dos enunciados postados, bem como idealizador das representações autônomas do erotismo nos blogs.

Assim, o enunciador empreende uma tarefa performativa, que tem como ideal a configuração do sexo em coordenadas eróticas. A filiação a determinado campo discursivo engendra, portanto, um efeito de sentido de um sujeito integrado, coerente e autônomo. As representações do sexo, do amor e da morte, filtradas a partir de um imaginário, são incorporadas pelo indivíduo na forma de um estilo de vida e de uma visão de mundo

particular. Dessas articulações discursivas são apreendidos os processos de representação e identificação promovidos pelo labirinto do ciberespaço, favorecendo a criação e recriação de simulacros de realidade entre enunciador e enunciatário, uma vez que, nos blogs íntimos na rede, o discurso é sempre influenciado pelo discurso do outro.

Referências bibliográficas

CORACINI, M. J. (Org.) **Identidade e discurso**. São Paulo: Ed.Argos e Unicamp, 2003.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

_____. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2008

DANTAS, Marcos. **A lógica do capital informação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. **O que é um autor?**. 4. ed. [s.l : Vega, 2000]

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2004.

_____. **Ethos, cenografia e incorporação**. In: AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 68-92.

PARENTE, André “**Pensar em rede. Do livro às redes de comunicação**”. . *Revista brasileira de ciências da comunicação*. Vol. XXIII, n.1 Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewFile/799/582>. Último acesso: 20/03/2008.

PRIMO, A. Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera. In: *Revista da Famecos*, n.o 36, agosto de 2008, Porto Alegre. (pp 122-128). http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/revista_famecos.pdf Último acesso: 25-06-2009

TURKLE, S. **A Vida no Ecrã. A identidade na era da Internet**. Lisboa: Relógio D’Água, 1997.

Blogs pesquisados:

Recordar, Repetir e Elaborar
<http://rre.opsblog.org/>
Último acesso: 15-10-2009